

MATERIALIDADE E ARTETERAPIA

Angela Philippini

Resumo

Este artigo aborda a questão da materialidade em arteterapia. Das mãos como instrumento de transformação e dos materiais expressivos diversos como mediadores no processo de comunicação. E da relação da cultura, com a forma pela qual os indivíduos se percebem, ou não, como criativos.

Abstract

This article approaches the questions of materialization in art therapy. Hands as instruments of transformation and several expressive materials, as mediators in the communications process. And the relation culture has with the way persons see themselves, as creative or not.

Romper as portas trancadas por mim,
e assim minhas mãos saberão dos meus pés,
e assim renascer, e assim renascer.

Gilberto Gil

O caminho criativo em arteterapia tem o propósito de concretizar, dar forma e materialidade ao que é intangível, difuso, desconhecido ou reprimido. Sonhos, conflitos, desejos, afetos, energia psíquica que é bloqueada precisa liberar-se e fluir, ganham concretude e podem plasmar e configurar símbolos, que assim cumprem sua função de comunicar, estruturar, transformar e transcender.

Neste processo de dar vida e forma a conteúdos e personagens esquecidos, desconhecidos, distantes ou temidos, surgem algumas barreiras e resistências, às vezes expressadas assim:

- Não tenho jeito para essas coisas...
- Não sei desenhar...
- Vai ficar horrível...
- Não consigo fazer bonito...
- A ultima vez que pinteí foi no jardim de infância...
- Não ficou como eu queria...
- Como é que você quer que eu faça?
- *Não sei fazer nada com as mãos...*

Dentre estas falas, que são recorrentes no inicio de processos arteterapêuticos, esta ultima parece apontar de forma mais significativa, para um traço de nossa cultura. O distanciamento cada vez maior do fazer espontâneo, ou da possibilidade de construção artesanal de objetos pessoais, o adormecimento de múltiplas possibilidades criativas, o

distanciamento da própria vida psíquica com seus personagens fantásticos ou temíveis, e que são muitas vezes incompatíveis aos arranjos da *persona*.

O lugar que as artes plásticas têm no currículo escolar, ratifica esta tendência. Até o jardim de infância é possível desenhar, pintar e modelar rotineiramente. A classe de alfabetização traz a ruptura. Chegam os cadernos, alguns até de caligrafia, lápis preto e borracha, régua, esferográficas e alguns livros. O lápis de cor até é permitido, mas agora, quase sempre só para pintar os exercícios dos livros, ou as tarefas mimeografadas para serem feitas em casa. E neste quadro, são poucas as escolas que oferecem exceções. Deste modo, começam a enterrar junto com as experimentações expressivas e plásticas, uma parte de ousadia, da espontaneidade, sufocando algumas das habilidades que decorrem do livre exercício de potencialidades criativas, e que podem levar à comunicação mais ampla e flexível e a sentimentos de plenitude e inteireza.

“*Não sei fazer nada com as mãos*” é uma estranha frase, vinda de indivíduos adultos que em seu cotidiano escrevem, torcem maçanetas, atarraxam roscas, abrem latas, dão laços nos sapatos e tantas outras prosaicas ocupações manuais. A incongruência desta fala aponta então, em outra direção. Neste não dito, ou “*mal dito*”, subjaz a declaração de incompetência em usar de maneira mais ativa o próprio corpo, e sobram indicações de cerceamento, aprisionamento, restrição, pistas e trilhas para aposentos trancados, cujas chaves forma perdidas.

A arteterapia, através do manuseio e experimentação de materiais diversos nas múltiplas modalidades expressivas, em atmosfera acolhedora e protegida, vai facilitar o resgate destas possibilidades, e vai auxiliar no despertar da sensorialidade, aguçando a sensibilidade, a percepção e permitindo a vivência de momentos mais soltos e lúdicos. Ao explorar texturas, formas, curvas, cavidades, pontas, no reconhecimento da singularidade de cada material expressivo, somos beneficiados por suas propriedades terapêuticas e teremos em consequência o desenvolvimento de algumas destas habilidades adormecidas.

Arteterapia é um processo em que fundamentalmente terapeutas e clientes colocam “*a mão na massa*”. É uma das fontes de informação mais significativas para esta prática, está na obra de Jung “*A prática de Psicoterapia*” (1977) onde este processo é descrito com clareza, através de seu questionamento:

Mas, afinal, por que razão levo os pacientes a se exprimirem por meio de um pincel, de um lápis, de uma pena, quando atingirem um certo estágio em sua evolução?

E o próprio Jung responde:

“Antes de mais nada, o que interessa é que se produza um efeito. No estágio psicológico infantil, o paciente permanece passivo. Nesta fase passa a ser ativo. Passa a representar coisas que antes só via passivamente e dessa maneira elas se transformam em um ato seu. Não se limita a falar do assunto. Também o executa”.

Esta passagem do passivo para o ativo é uma transformação emocionante e às vezes aterrorizante, sendo permitida, ampliada, fortalecida e compreendida via materiais expressivos. É esta materialidade que registra e constrói, transforma, reconstrói e corporifica presenças internas, passo a passo, traço a traço, cor a cor. É nossa chance de ouvir o próprio self, descobrir o espaço da “*verdadeira casa*” interna, no meio do turbilhão de imagens e ruídos dispersivos na multidão. E assim cada indivíduo em sua singularidade

terá um ou alguns materiais expressivos que serão mais produtivos para o trabalho arteterapêutico, permitindo caminhar “*das mãos que nada podem fazer*”, declarando ao mundo sua impotência, às “*mãos da materialidade e da materialização*”. Deste modo, o arteterapeuta estará facilitando o surgimento de uma trama criativa, uma urdidura tecida pelas próprias mãos, no espaço receptivo do “*setting*” arteterapêutico. No afeto que se pode comunicar, percorrendo o eixo do si-mesmo, uma rota, que organiza e ativa o processo criativo singular, religando o mundo externo/interno e por isso, abrindo novas formas de comunicação do mundo interno e a recriação do ambiente à sua volta.

Gouveia (1990), descrevendo o uso terapêutico do barro, fala de mãos trabalhadoras, a “*mão feliz*” a serviço de “*forças felizes*” porque criadoras, tecem em liberdade a partir de seus próprios devaneios e das oferendas da natureza...

Patrícia Berry (em *Fathers and Mothers*, de Erich Newmann, 1977) a este mesmo respeito, ao abordar as dificuldades de seus pacientes em materializar seus projetos, descreve:

O que temos cultivar na psique de todos eles é algum terreno em que as coisas se “encarnem”, aconteçam, tornem-se substanciais, algo dentro do que suas experiências de vida possam gravar-se. Tentamos desenvolver a mãe dentro deles, sua matéria-prima. Uma matriz sustentadora, algum substrato básico a partir do qual os movimentos psíquicos possam adquirir forma e ganhar corpo.

E mais adiante afirma:

E uma genuína terra metafórica brota do interior da pessoa, onde há forma, matéria, substância, conteúdo.

Berry descreve esta etapa como muito importante para o êxito do processo terapêutico, registrando que este mecanismo é “o que dá aos nossos pensamentos, fertilidade e substância e às nossas terapias, corpo e resultados. É o que alimenta nossos esforços psicológicos e faz com que frutifiquem”. E certamente neste contexto trabalhar com as mãos é essencial.

MÃOS, INSTRUMENTOS TERAPÊUTICOS

A palavra mão deriva do Sânscrito MANA, que quer dizer mente, pensamento e certamente o fazer com as mãos equivale a configurar, processar, ordenar e em última instância elaborar. As mãos, desde tempos imemoriais relacionavam-se com o Divino através da natureza e seus elementos vitais (água, ar, terra e fogo). Através de práticas ritualísticas e respiratórias, acompanhadas de posturas simbólicas das mãos (MUDRAS*) invocavam-se divindades protetoras, que por intermédio do ar sopravam novas idéias (inspirações) leveza, movimento, liberdade e revelações, abrindo-se deste modo trilhas ao inconsciente e permitindo através destas ritualizações uma conexão com um mundo mãos sutil, cumprindo-se assim a função simbólica e transcendente. Da terra que materializava do objeto utilitário ao objeto do culto, “*mãe dos mortos e mãe dos grãos*” onde germinavam

sementes, sonhos e projetos. Das águas que fluidas umedeciam, dissolviam, purificavam, batizavam e propiciavam iniciações e que coloridas, em “**cor-ação**”, pintavam oferendas, sentimentos e desejos.

Nas tradições de diferentes culturas vamos encontrar outros registros sobre a importância das mãos como instrumento de poder e transformação, segundo Chevalier e Gherbrant (1984), a palavra manifestação tem a mesma raiz que mão; “manifesta-se assim aquilo que pode ser seguro ou alcançado pela mão...” A palavra IAD, designação hebraica para mão, tem duplo sentido de *mão* e *poder*.

Como já foi dito, na Índia as mãos eram intermediárias do contato com o Divino por gestos ritualísticos chamados mudras, sendo que uma dessas posturas manuais era o ABHAYA-MUDRA, ausência de medo, cuja mão é levantada, com todos os dedos estendidos e a palma para frente, este mudra é atribuído a Deus KALI, ela própria, além do medo e ao ser invocada neste gesto, simbolicamente livrava deste sentimento o suplicante.

Focillon em “A vida das formas” (1983) observa que “a mão arranca o tato de sua passividade receptiva, ela organiza para a sua experiência e para a ação. Ela ensina o homem a se apropriar da extensão, do peso, da densidade, do corpo. Criando um universo original, deixa em todo ele a sua marca”...

MÃOS COMO CONSTRUTORAS DA VIDA

Tenho observado, muitas vezes, na minha prática como arteterapeuta e facilitadora de grupos de formação em arteterapia que o medo pode levar ao distanciamento entre imagens e ação, e nessas ocasiões surge a frase álibi:

-Sabe o que é? Está na minha cabeça, mas na hora de fazer não sai nada do que eu quero. E assim, com esta fala, inaugura-se a paralisação. Como se, para que as mãos pudessem criar com precisão o imaginado, não fosse necessário exercício, treino, repetição, um árduo processo de construção para chegar a imagem idealizada, e não fosse necessário vencer o medo de ser ridículo, do fazer torto e feio. Tentar e transformar, tentar e consertar até alcançar o “concerto” onde tudo se encaixa harmoniosamente. Seria bom, então, buscar inspiração e alento nos atores circenses, nos bailarinos e nos músicos, exemplos, dentre tantos, de profissionais que constroem a presteza e destreza de seus movimentos e performances com longa, determinada e persistente prática.

As vezes acompanhamos terapeuticamente pessoas que se acidentaram ou adoeceram, de forma que concretamente não podem usar operacionalmente suas mãos, por perdê-las, ou por perderem parcial ou integralmente sua possibilidade de movimentá-las. E vemos que dolorosamente procuram formas de recuperarem-se, usando braços, pés, boca e a cada habilidade reconquistada celebram, uma vez que há compreensão de que são palmos de território reconquistados, de sua autonomia. Então, nós outros, destros, canhotos e ambidestros que tal fazer uso de nossas mãos, como instrumentos de construção do dia a dia, do toque, da forma, da cor, do desejo, do afago, e as vezes, (porque não...) do tapa e do troco?

Em arteterapia temos mãos traçando linhas, trançando fios, riscando o ar, o papel, a areia, a água, pressionando o barro, dando indicações, definindo rumos. Mãos em mudras, preces e rituais, mãos geradoras de personagens no teatro de sombras, mãos ativas

marcando ritmos, mãos em conchas prontas a receber, “*mãos ferramentas*” de muitos bordados, delicadas tramas de afetos, desejos e emoções.

No processo arteterapêutico, ao colocá-las em movimento vamos redescobri-las como sensíveis instrumentos de captação do mundo, percebendo texturas, temperaturas, formas, nuances e sentimentos. Vamos rasgar, amassar, recortar, puxar, esticar, brincar, rabiscar, compor e decompor, manchar, pintar, articular, equilibrar, derrubar...e recomeçar. É preciso ativar as mãos como instrumentos terapêuticos em suas inúmeras possibilidades de execução, pois a cada transformação externa com os materiais expressivos, analogamente são geradas transformações internas. E neste universo de mãos e materialidade, temos também as mãos do arteterapeuta hábeis e ativas, ora receptivas e tranquilas que aguardam, ou que silenciosas oferecem o lenço para drenar lágrimas, entregam um pouco de água que reconforta, ou realizam o toque caloroso do “*eu estou aqui junto de você*”; em momentos mais difíceis, deste modo estas mãos são instrumentos potenciais de germinação e construção.

E assim, lá vamos nós, arteterapeutas e clientes, como pessoas que sonham, têm esperanças e criam juntas, exercitar, transformar, ampliar e harmonizar...

*Mudras – são gestos ritualísticos sagrados, de conexão com o divino na tradição Hindu, em que cada posição do dedos ativa um aspecto inconsciente.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Paulo e PORCHAT, Ieda. Ser Terapeuta – 1995 – Summus Editorial – SP
- BERRY, Patrícia in NEUMANN, Erich – Fathers and Mothers – 1975 – Spring Publications
- FOCILLON, H. – Vida das Formas – 1983 – Zahar – RJ
- GOUVEIA, Álvaro Pinheiro – O sol da terra – 1990 – Summus Editorial – SP
- JUNG, Carl Gustav – A prática de psicoterapia – 1977 – Vozes – RJ
- OSTROWER, Fayga – Criatividade e processos de criação – 1974 – Campus - RJ

Publicado originalmente no Volume III da Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar - 1996

Ângela Philippini é arteterapeuta, artista plástica, Mestre em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), editora da coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”, autora do livro de arteterapia “Cartografias da Coragem”, organizadora do livro “Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos”, coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em convênio Pomar – ISEPE.

E-mail: pomar@alternex.com.br